



viagens e turismo
www.unitur.com.br

Apresenta

Quando a palavra escuta

EXPOSIÇÃO DO ARTISTA E ARQUITETO FRANCÊS MICHEL POCHET

ABERTURA:

15 de setembro de 2011

às 19:00 h

Até 12 de outubro

todos os dias

das 9 h às 22 h



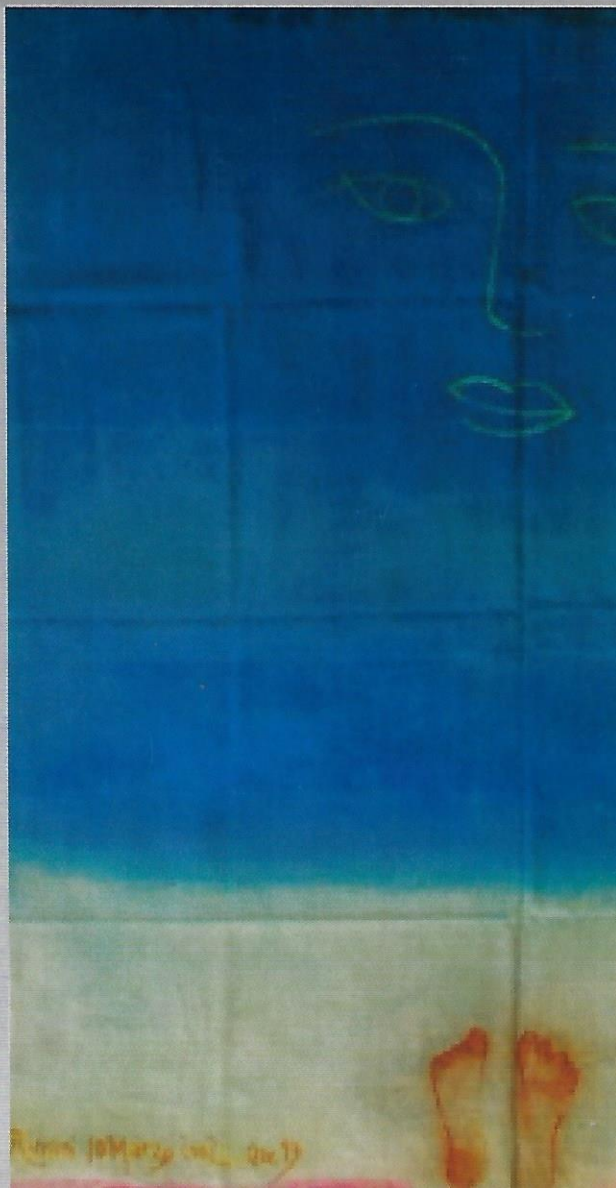
INSTITUTO **NT**
de cinema e cultura

R. Marquês do Pombal, 1111

Auxiliadora - Porto Alegre - RS

51-3361.3111

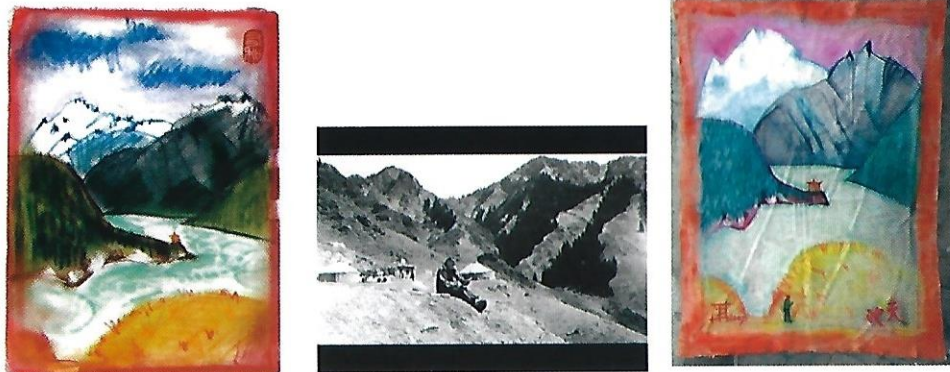
Curadoria Marcia Rosa



A beleza é uma necessidade primária. Mas qual beleza? Não uma beleza afetada, fácil, kitsch. Não aquela que se prostitui nos supermercados para ser comprada, ou beleza que se usa e depois se descarta, mas uma beleza forte, decidida, exigente. Uma beleza que se deve procurar, reconhecer por trás das aparências, amansar, fazê-la amiga. Num primeiro momento, procuras a beleza, talvez até o último confim da terra, e quando a encontras, parece que ela se distancia como o pico de uma montanha, e parece ficar sempre mais longe à medida que te aproximas dela. A peregrinação da beleza requer paciência e perseverança mas, ao alcançar cada um dos seus santuários, o horizonte fica mais amplo, o ar mais límpido, a mente mais lúcida, o coração mais sereno. E, um belo dia, descobres que o maior santuário da beleza estava diante da porta da tua casa. Bastava olhar na direção certa.

Michel Pochet

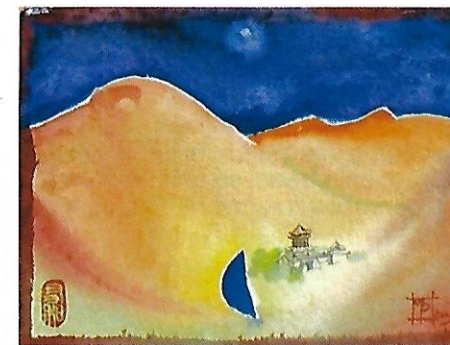
Lago Celeste (China) 168x238 - Ano 2007



A 3200 metros o Lago Celeste estava ainda gelado no final de abril. Ele se encontra no extremo noroeste da China, no meio das montanhas ditas, também, Celestes, que lembram muito os Alpes, os mais altos picos... Um quiosque dourado sobre um promontório lembrava que estávamos no Império Celeste.

Lago da Meia Lua (China) 143x170 - Ano 2007

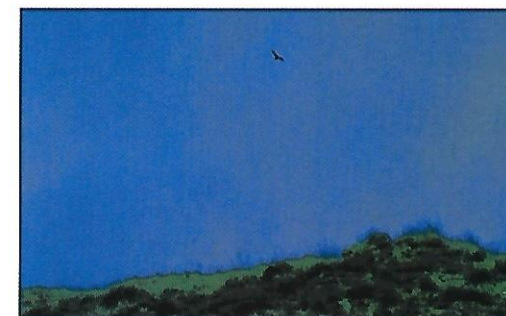
O Lago da Meia Lua encontra-se no Império Celeste em Dunhuang nas Montanhas das Areias que Cantavam. Em uma depressão entre as dunas, uma pequena poça com formato de meia lua resiste misteriosamente ao incontável avançar da areia. Quando pintei em pastel, wno céu acima, sobre o lago, entronizava-se a Lua Cheia



Dunhuang (China) 260x220 - Ano 2008

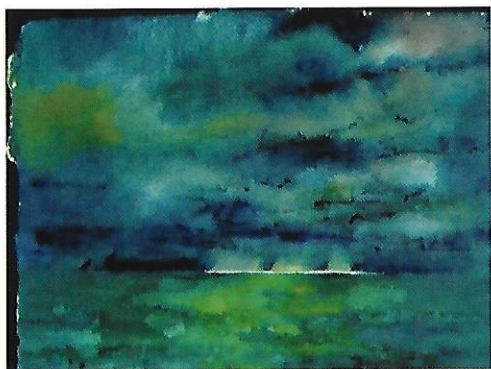
Enquanto desenhava o Lago da Meia Lua o meu companheiro de viagem afastou-se para fotografar as incríveis dunas. Já entardecia e, esperando no vento frio, eu immortalizei o momento no qual se sobrepunha a linha de demarcação entre a luz e a sombra. Estou muito orgulhoso desta foto do fotógrafo à qual me inspirei para pintar o quadro.

A Águia de Labrang (China) 138x180 - Ano 2007



O Mar em Olinda (Brasil) - 280x230 - Ano 1997

Fui para a praia pintar uma marina. Nuvens escuras atravessavam o céu, mas atrás da colcha de nuvens o sol traçava sobre o mar a linha do horizonte. Uma vez concluída a aquarela, me dei conta que o céu, que durante uma hora havia permanecido encoberto, se estabeleceu sobre o papel em uma grande estrutura piramidal. Pareceu-me que, sem querer, havia pintado um santuário virtual.



Assekreme (Argéria) 196x210 - pintura em técnica mista - Ano 2009



Na páscoa de 1959 fiz um trekking de Tamanrasset até Assekrem. Uma caminhada em um deserto de pedras no meio do Sahara. Eu tinha 19 anos. Passava por uma radical crise de fé. Depois da vigília pascal tive vontade de morrer para não ter que retornar a Paris onde reencontraria multiplicadas as minhas dúvidas. Desci correndo o vale até onde estava instalado o acampamento. Cheguei lá embaixo são e salvo, e, desconsolado, me enfiei no saco de dormir.

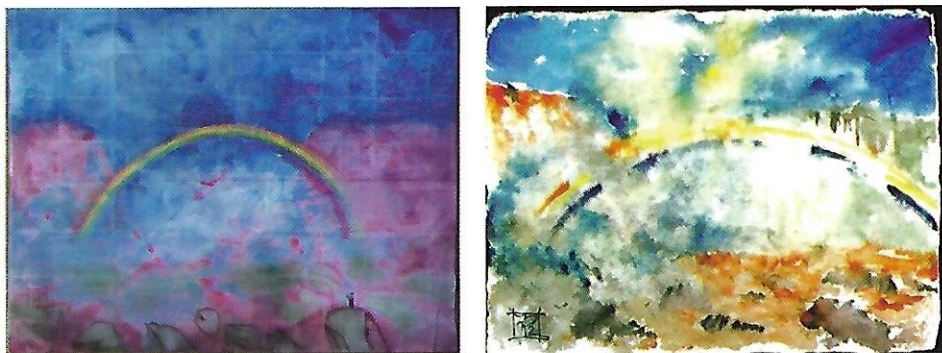
Etna (Itália) - 210x200 - Ano 2002



Em meio a um recente jorro de lavas, ainda quentes e crepitantes sobre os pés, o Etna é um suntuoso e fascinante santuário preto.

Iguaçu (Brasil) - 260x210 - Ano 2000

A cascata é uma meta quase imprescindível para os turistas desejosos de fortes emoções naturalísticas. Mas aquilo que encontras em Iguaçu supera todas as tuas expectativas. Permaneces realmente pasmo, aturdido, emudecido. Este lugar resiste a qualquer tipo de instrumentalização. Te derrota de forma despótica. Chegastes com ares de turista prepotente e ali te dá conta que és apenas um humilde peregrino.



Rimini (Itália) 215x220 - Ano 2003

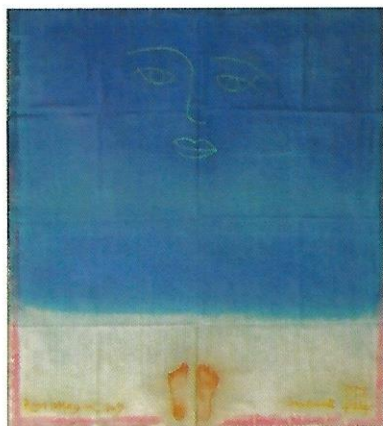
Em março visitei Rimini caminhando por várias horas até que, ao crepúsculo, encontrei-me na praia a poucos passos da margem.

O mar estava calmo e as ondas, altas pouco centímetros, ao morrerem pacatamente sobre a areia, criavam uma música sublime, verdadeiramente celestial, que preenchia todo o espaço e me raptava para uma outra dimensão, aquela de uma noite escura mesmo sem escuridão ali a dois passos de mim. Ah, se soubesse caminhar sobre as águas!

Este era o Santuário IX que com toda certeza não teria esperado descobrir logo na praia mais mundana que existe.

Ajoelhei-me na areia e pintei no escuro uma pequena aquarela.

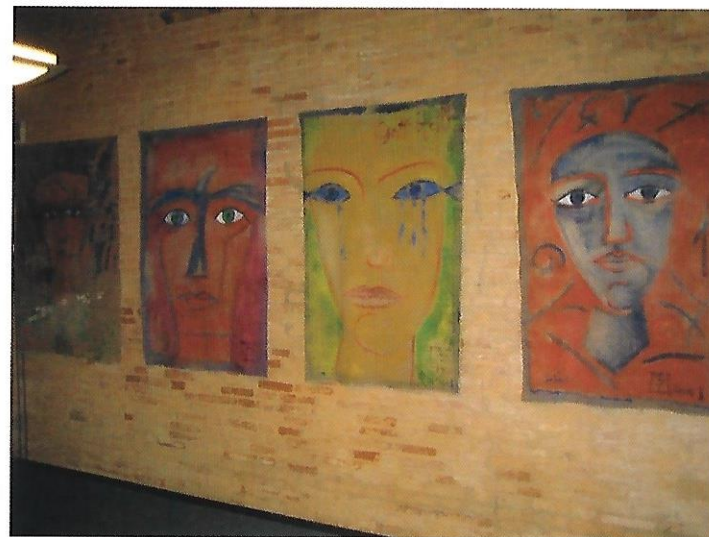
A luz de Rimini existe e se pode contemplar todas as tardes depois do ocaso, nos longos quilômetros de costa, deixando-se raptar pela noite na celestial música das ondas que vêm morrer na beira do mar.

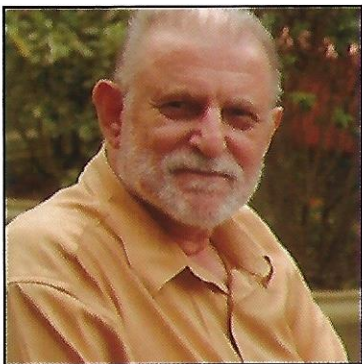


Lucifer -210x105 - Ano 2000-



Miguel Gabriel Rafael Uriel - 80x130 cada - Ano 2000-





UMA ESTÉTICA DA RESSURREIÇÃO: A ARTE DE MICHEL POCHET

Armindo Trevisan

Michel Pochet empenha-se por atingir uma síntese formal e cristã, no interior de um mundo que se mostra, ao menos nas suas vistosas exposições midiáticas, cada vez mais des-cristianizado e des-materializado.

Seria isso um paradoxo? Ou seja: afirmarmos que nosso mundo está desmaterializado? Não estaria ele, antes, mais voltado para a matéria, para o imediato, para o tátil?

Se refletirmos, até, sobre nossos hábitos pessoais, vemos que nossos sentidos estão sujeitos a um número incalculável de intermediários. A matéria-prima, ou se quisermos, a matéria bruta de outros tempos, parece ter sido substituída por uma matéria sutil, quase invisível, não raro evanescente. Digamos com maior clareza: a matéria manufaturada da Primeira Revolução Industrial cedeu lugar à matéria informatizada do terceiro milênio.

Que caminhos, nesse caso, trilhará o artista? Aderirá à nova “matéria”, ou tentará torná-la veículo de uma mensagem espiritual inédita?

Michel Pochet começa, pois, por não minimizar essa metamorfose. Sua pintura é, por um lado, matéria, e por outro, até certo ponto, “des-materializada”. As figuras são reduzidas a evocações lineares. As próprias cores das telas, embora vibrantes, fortes, uma vez que sua finalidade é testemunhar a visibilidade do mundo, progressivamente sepultada sob camadas de invenções técnicas e tecnológicas, tende a concentrar-se em áreas específicas, ou, se dilui em superfícies indelimitadas. Quanto aos símbolos, tanto os do passado como os do presente, dado que não podem subsistir sem um mínimo de matéria, são antes sugeridos que expostos.

O objetivo do pintor parece-nos evidente: afirmar que o Verbo se fez carne, tendo nascido de uma mulher (como insiste, energicamente, São Paulo). A aparente “desmaterialização” da pintura de Pochet é pedagógica. Quer obrigar os olhos, tanto pagãos como cristãos, a deterem-se, o suficiente para ouvirem a interpelação: Quo vadis? Sim, eis a questão fundamental para Pochet, em termos artísticos: Para onde vamos?

O artista não quer, em hipótese alguma, desconhecer que o Senhor veio a este mundo, concreto, histórico, contemporâneo, corrupto e corruptor. Parece dizer-nos: “Que buscais, homens insensatos? Pretendeis saltar além da matéria, desfigurando-a, ou simulando que ela pode ocultar, dentro de si, valores que efetivamente não possui? A resposta, vós a deveis procurar noutra parte: em algo que vos ultrapassa, na ressurreição de um corpo real: o de Jesus. Ou melhor: na ressurreição prometida a todos os corpos humanos!”!

É por essa razão que Michel Pochet insiste na temática do “Risorto”.

Mundo des-cristianizado?

Convém admiti-lo, ao menos no que concerne à Economia e à Cultura. Impossível não reconhecer que estamos no seio de uma sociedade, cuja barbárie é, sob certas dimensões, maior do que a dos séculos passados. Trata-se, é verdade, de uma barbárie-fashion, asséptica, higiênica, estetizada. Para nos apercebermos de sua monstruosidade, precisamos fugir à sua acumulação. Precisamos abordá-la microscopicamente. Somente através de biópsias, percebemos toda a sua crueldade, em toda a sua extensão...invisível! No fundo, Pochet oferece-nos uma sequência de pinturas-biópsias, que põem a nu nossa maldade. Estranhamente, tais biópsias, também, revelam, revelam nossa bondade. Afinal, a biópsia é um alerta para a cura. Ou, se quisermos, um alerta para a alegria de viver, desde que a suspeita mortal seja excluída.

Pochet joga, no fundo, com dois temores da humanidade atual: o de uma derrocada, e o de uma esperança. Devido a isso, sua arte apresenta-se, sob certos aspectos, ambígua. O pintor não tira ao espectador sua liberdade. Se este opta pelo “Risorto”, sua pintura pode oferecer-lhe um surpreendente sentido de transcendência. Se, porém, o espectador o recusa, a pintura de Pochet torna-se um enigma, até mesmo evasiva.

Não nos deixemos enganar pelas aparências de pseudo-primitivismo estilístico de Pochet! Tal primitivismo contém a intenção radical de constranger a expressão artística, submetida desde os inícios do século XX a uma gama infundável de distorções e deformações de toda espécie, a buscar uma nova ordem. Mesmo utilizando técnicas expressionistas ou primitivistas, Pochet reitera que, debaixo destas, existe uma ordem, existe, inclusive uma beleza. Tal ordem e tal beleza são as das coisas bem feitas. Daí se segue que os homens, por mais destruidores que sejam, nunca chegarão ao ponto de invalidar a afirmação do Gênesis: “Deus viu que tudo estava bem”.

Mais uma vez, afirmamos que, sob as aparentes distorções desse artista tão leve, às vezes tão elegante, com um sabor à Matisse, palpita o desejo místico de apanhar migalhas da ordem restaurada da nova economia da salvação. Subjacente à produção artística de Pochet, descobre-se uma Estética da Ressurreição.

É por isso que sua arte comove! É por isso que ela é, em última análise, um grito visual, que exclama, como Pedro na hora em que as águas de Genesaré ameaçavam afogá-lo: “Salva-nos, Senhor!”

Felipe Barros



Acompanho há algum tempo o trabalho deste jovem e talentoso artista já reconhecido em forma de prêmios e residências, além do seu inserimento no mundo do cinema. No Instituto Sacatar da Bahia, sua última experiência, realiza o vídeo **Mancha de dendê não sai**. Considero um vídeo auto-biográfico, de uma humanidade desconcertante. O vídeo

apresenta a imagem do mar em um longo plano-sequência. Esta bela paisagem é interrompida pelo ruído existente na fala dos moradores do local. Uma fala que contrasta com o que está sendo visto, uma imagem leve e serena. Este descompasso me fez pensar na necessidade que temos de escutar a paisagem ao invés de preenchê-la com um constante monólogo-ruído, que nos afasta daquilo que em sua serenidade quer nos dizer. A imagem aponta para uma outra janela, como se naquele lugar tudo passasse em um tempo suspenso. Há ainda mais dois vídeos e estes igualmente, no silêncio, gritam por si só: **Todo silêncio me incomoda** e **O que nos dividiu agora é soma**.

Marcia Rosa

Adda Pompermayer



Com a visão ampliada a emoção do espectador menos comprometido em um primeiro momento distante-se numa espécie Nos últimos trabalhos da artista, cor e desenhos purificam-se tanto que a temática já não tem importância, sendo substituída por um jogo habilidoso de linhas, de um colorido vibrante. Adda é uma pintora consciente, sincera, sem ansiedades inúteis. Avança no seu caminho preocupada unicamente com suas intuições e com a sutileza de sua sensibilidade privilegiada. É preciso dar atenção à sua obra, rica em estímulos visuais e emotivos.

Armando Trevisan

Marcia Rosa



Fotos da flor amor-perfeito, colocadas em uma estrutura de acrílico ao relento, fotografadas durante dois anos. Tempo e paciência compõe a construção de uma paisagem desenhada pela própria natureza. As imagens nos são reveladas pela luz existente na hora de tirar as fotos, e na hora de mostrá-las através dos backlights. Algumas flores brotam novamente depois de parecerem mortas.

Mario Clatera



A partir de uma provável arqueologia do futuro, recomponho formas alegóricas e orgânicas. A sucata, lixo da sociedade industrial e pós-moderna, se organiza, se funde, se dilui e adiciona, sugerindo novas formas portadoras de vida. As intervenções físicas no material testemunham o processo de criação(...) A mistura de materiais propõe diferentes estágios de energia, de ciclos de vida. É um olhar, um fazer, na busca do equilíbrio perdido, nas pegadas deixadas pelo homem, destruição do meio ambiente.

Sônia Seibel



Trabalha de forma tradicional a escultura. Os materiais mais utilizados são ferro, mármore e bronze. Nesta obra intitulada **Terra Brasilis**, justapõe diversas hastes de ferro e nas extremidades coloca peças de mármore. Na parte de baixo ainda as amarra. Na repetição deste gesto, que parece tentar sustentá-las, sugere um grande movimento à obra, gerando uma certa tensão e expectativa. Se soltarmos aquelas amarras, o que pode acontecer?

Lecy Fischer



Sua escultura é uma obra vigorosa, com muita energia e criatividade.

Quando cria suas figuras de estruturas imprevisíveis, quase retorcidas, ou suas mãos de grande força, atadas a materiais contemporâneos, provoca perplexidade e revela uma poderosa marca expressionista.

Mali Frota Villas -Bôas

Adriana Rocha



(...) paisagens, florais, fragmentos, são prá mim os pretextos. A paisagem que eu apresento não é um lugar. (...) Essas imagens não se referem, ao menos em minha intenção, ao que parecem descrever. Eu não pretendo que elas enfrentem relação com a realidade, mas com a metáfora, com o elo entre as coisas.

Mesmo a interferência que eu faço sobre a imagem fotográfica, evidencia a meu ver a artificialidade de sua constituição, seu caráter de criação, de imagem “produzida para”,(...)

A paisagem, como eu a concebo, pode ser tudo o que se vê, desde que a pensemos como “tangências” entre o espaço externo e aquele nosso, interno. Toda paisagem poderia assim ser caracterizada como lugar, como encontro, seja ela uma imensidão ou um (seu) mínimo detalhe. Uma flor. Uma cor. A experiência da paisagem desperta um espaço interno. É a partir desse encontro (de uma paisagem-espaço interno com o entorno) que eu crio meus espaços- paisagens, espaços eleitos pelo olhar, com muitas possíveis configurações

SOBRE A IDEIA DO LABIRINTO

Quando eu penso na palavra Labirinto, me vem à mente a idéia de movimento, de verbos no gerúndio, de ação que se realiza no momento presente. Não se conhece de antemão a saída do Labirinto. Andar por ele é sempre estar no risco de se perder, de não saber compreender as inferências, de ficar dando voltas para sempre. Percorrer um labirinto é uma metáfora fantástica do fazer artístico, desse caminho sem mapas, sem um traçado prévio, sem diretrizes. O artista é sempre aquele que está pronto para captar aquilo sobre o que não tem a menor idéia prévia.

A nós não é pedido que sejamos ilustradores de idéias, ou seja, que nossa produção dê conta de provar formalmente determinado conceito. Também o oposto disso não é nossa missão, ao menos não certamente a minha: construir uma teoria que suporte a criação realizada. Não, a nossa compreensão se dá no fazer e esse será por sua vez realimentado por aquilo que vamos intuindo como resposta. É um jogo, uma dança. Então a idéia do labirinto me fornece a imagem dessa dinâmica, dessa cadeia que vai se formando quando um novo corpo de trabalho está em formação. É preciso apenas estar nessa atitude de escuta.

Da mesma forma como no Labirinto não se conhece a saída a priori, na nossa produção o caminho também é descoberto no fazer. Há um problema inicial, que cada artista daqui ou do mundo poderia citar, e são milhares os problemas que nos incomodam a um tal ponto que não o suportamos mais e saímos produzindo para dar conta deles. Então há esse começo, esse problema, essa pergunta. E depois disso, tudo é desconhecido. É preciso que cada trabalho, ou que cada etapa do trabalho, aponte para o passo seguinte, da mesma forma que só se consegue sair de um labirinto através de inferências. A compreensão se dá durante e através do fazer e dela deriva também o fazer seguinte. É sempre um pulo no abismo, no que não se sabe.

SOBRE A SOBREPOSIÇÃO DOS TEMPOS

(...)O tempo da pintura é como o mar chegando à areia da praia. Avança e recua, avança e recua. E o pintor faz essa dança junto com o trabalho. Ele demanda paciência, espera e humildade. O corpo da pintura surge lentamente, através de um tempo que lhe é todo particular. Não se faz pintura com pressa. A pintura exige que o tempo escorra por ela e a faça estar pronta. Como um vinho. Por vezes, quando chegamos ao ateliê e olhamos uma pintura que na véspera considerávamos acabada, percebemos que no espaço de tempo daquela noite, tudo mudou. O que trazemos de fora, daquilo que vivemos no curto tempo de nossa separação, se soma a ela e transforma toda nossa percepção. Minha experiência sempre sugere que eu deixe meus trabalhos “curando” um bom tempo, antes de aceitar que nada mais irá transformá-los. Tal é o tempo da pintura. (...) Há a necessidade da espera, da secagem. Ali há a constante opção de se depositar algo, ou de algo se retirar. Há o embate com aquilo que não era previsto, os acidentes que trazem o fazer e que exigem a decisão de aceitá-los e incorporá-los ao corpo do trabalho, ou rejeitá-los. Já o tempo da fotografia, da imagem impressa, apropriada, é totalmente diverso. É o tempo da urgência, do imediato (imediato: sem mediação). A foto é instantânea, congela num átimo de segundo uma imagem representativa de todo um universo. E isso com uma objetividade que nem a pintura mais hiper realista daria conta de oferecer, já que até ela tem a necessária mediação do Tempo.(...) Mas quando postas em confronto essas duas práticas, elas inauguram uma outra qualidade temporal naquele espaço. Uma temporalidade mais relativa aos estados de consciência que a qualquer realidade identificável. O tempo que é então liberado não diz mais respeito às imagens, é um tempo outro, esse que eu chamo de tempo-sem-tempo.

Algo que gera um certo estado de suspensão, porque quando acontece essa “hibridização” de meios, a própria imagem original é ressignificada.

Quando a palavra escuta

A palavra foi inventada para ser calada, e só depois que se cala que a gente ouve, é a beleza, a beleza de uma celebração, a beleza de qualquer coisa, a beleza da arte é puro silêncio, é pura audição. *Adélia Prado*

Michel Pochet tem sido um viajante assíduo ao Brasil, onde inspirou-se para realizar vários de seus desenhos, pastéis, aquarelas e poemas. No início da década de 90 registra sua impressão ao visitar Foz de Iguaçu: “Este lugar resiste a todas as instrumentalizações. Esmaga-te de um modo despótico. Vens como um turista prepotente e te transformas num humilde peregrino”. Em outras ocasiões retornou ao Brasil para lançar livros, proferir conferências, mas agora, aos 71 anos, expõe pinturas pela primeira vez com mostras em Porto Alegre e Recife, sem deixar de atender à solicitações de conferências no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. A obra de Michel Pochet inicia quando começou a pintar, aos 13 anos, e compreende inúmeros projetos de roteiros de viagens privilegiando longas caminhadas na China, Turquia, Egito, Argélia, Japão, Brasil, África e Itália, país que escolheu para viver. Nestas viagens, seu propósito é fazer o registro do lugar - locus - não como localidade geográfica, mas como lugar que pode revelar uma beleza inusitada, sublime. Existe algo de existencial, místico, nas andanças de Michel, uma espécie de peregrinação à beleza, como ele mesmo denominou. Sensibilizando-se pelo sublime, fotografa e transforma em pinturas grandes painéis de tecido. Em escala ampliada, estas imagens reproduzem vivências, como cadernos de viagens. Seu desejo é reproduzir estas experiências ao espectador, como o faz o seu amigo Andrei Tarkovsky em muitas cenas de seus filmes, através de um olhar, um gesto, uma cena enquanto caminha nas ruas. De forma análoga, Michel Pochet transmite em seu trabalho, o seu encantamento no encontro com a beleza talvez despercebida em um reflexo de lua, em um pássaro que alça um vôo inusitado, em uma sombra e em uma luz desenhadas nas areias de um deserto.

O trabalho de Pochet é rico, com inúmeros projetos artísticos, seja diante dos desafios que se impõem em seu atelier, seja fora dele, expandindo-se a paisagem como o sujeito, onde se pode habitar e caminhar lentamente como se houvesse todo o tempo do mundo. É a volta em torno de um lago que bem pode ser uma vida, é o retorno do mar, ao indefinido. O operar artístico de Michel se configura como uma prece - fazendo uma referência a Denílson Lopes - um ato devocional em busca de santuários de beleza, em busca de uma beleza perdida que ele parece querer ressuscitar. Para Michel, reevocar a necessidade da beleza é urgente assim como para Zygmunt Bauman, falar da beleza não é um discurso inútil porque “me coloca no mundo novamente reencantado”.

O que dizer sobre ele além do que nos falou Armino Trevisan, que ao visitar seu atelier em Roma, identificou na obra de Pochet uma Estética da Ressurreição?

Michel desde 1959, junto com inúmeras pessoas, de várias partes do mundo e de várias áreas do conhecimento, vem fazendo um caminho humano-artístico-espiritual inspirado por Chiara Lubich, fundadora de um vasto movimento difundido em mais de 130 países, que propõe o princípio do diálogo fraterno inter-religioso e intercultural em

todas as manifestações humanas, no campo político, econômico, religioso, filosófico e também no operar artístico. A arte para Michel é um ato profundamente espiritual e humano relacional, como para Pareyson “...não há nada de físico que não possua significado espiritual; nem nada de espiritual que não seja presença física”. Ou ainda, vale lembrar Hegel ao considerar que a matéria se espiritualiza na arte, e através da cognição é revelada a verdade revigorando o receptor. Colocando a arte como diálogo e relação, Michel há cinquenta anos, em suas viagens vai em direção a culturas muito diversas e as afronta com uma sensibilidade peculiar capaz de estabelecer inúmeras trocas.

Sua experiência acumulada e em contínuo desenvolvimento podemos vê-la em sintonia com as idéias de Walter Benjamin, ao evidenciar a experiência que, ao mesmo tempo revela e também oculta, tem espaços de luz e de sombras. Suas experiências não foram aprendidas para serem repetidas, simplesmente, ou passivamente transmitidas; elas acontecem para migrar, recriar, potencializar outras vivências, outras diferenças. Aprender com a experiência é, sobretudo, fazer aquilo que não somos, mas poderíamos ser, parte integrante de nosso mundo. A experiência é mais vidente do que evidente, mais criadora do que reprodutora. O que nitidamente falta ao nosso mundo contemporâneo, e soa como uma provocação são concomitantemente a delicadeza e, sobretudo, a beleza. Enfim a beleza, pauta dos artistas, em especial, mas também de todo ser humano. Com este propósito, na linha da espiritualidade da unidade de Chiara Lubich, em 2009, Michel Pochet inicia com um grupo de artistas de várias áreas e dos cinco continentes a associação Clartè - Artistas em diálogo colocando o operar artístico como uma escuta da beleza escondida no outro, na natureza no transcendente.

Quando a palavra escuta.

A curadoria desta mostra partiu de integrantes da Clartè, e delineou-se de uma forma dialógica com a coordenadora do Instituto NT, Fernanda Canani e com os artistas participantes. Partimos de alguns artistas que já conheciam a obra de Michel, procurando organizar os seus trabalhos no espaço reduzido, mas com algumas maravilhosas paredes decoradas. Fernanda sugeriu ampliar o espaço expositivo restrito às salas do centro cultural afirmando: “meu desejo foi de inundar de arte os jardins, o bar e a sala de cinema”. Podemos então, a partir desta sugestão, além de conhecer as pinturas do Michel Pochet, apreciarmos trabalhos em escultura de Lecy Fischer, que nos apresentou Sônia Seibel e Mario Clatera. Na sala escura de cinema, Marcia Rosa colocou seus backlights. Adriana Rocha, artista da geração 80, apresenta uma paisagem que sugerem o tempo e a memória, uma imagem que se esvai, dialogando bem com as paredes decoradas. De São Paulo, esta experiente artista, acompanha a Clartè há muitos anos, assim como Adda Pomper Mayer de Bento Gonçalves, que realizou várias exposições no Brasil e no exterior além de ser proprietária de uma galeria de arte em sua região que congrega muitos artistas do Brasil e América Latina. E ainda Felipe Barros, um jovem artista de vídeo-arte, que se sintoniza com a obra de Michel na apreensão das paisagens dos locais onde realizou suas últimas residências artísticas.

Programação

16 de setembro - 14h - Oficina de Desenho e pintura para Jovens da AFASO
19h30min - Conferência: **Como se aprecia a arte?** Armindo Trevisan. Encontro com o artista Michel Pochet.

22 de setembro - 19h 30min - Conferência: **Processo de desfiguração na arte moderna e contemporânea**- Armindo Trevisan

24 de setembro - 16h - Encontro com Marcia Rosa - Pesquisa de Mestrado

27 de setembro - Conferência e visita guiada sobre a obra de Michel Pochet - Armindo Trevisan -

01 de outubro - 15h - Encontro Mario Cladera
18h - Encontro com André Venzon - Diretor do MACRS -
Novas Perspectivas para a Arte Contemporânea no RGS

08 de outubro - 16h - Conferência com Paulo Gomes sobre Curadoria

Durante a exposição o ônibus do Projeto **“Circuito da leitura”** estará no pátio do Instituto NT de Cinema e Cultura e no **Livro Lounge** as obras de Armindo Trevisan, Michel Pochet e Chiara Lubich .

Produção Executiva-Instituto NT de Cinema e Cultura- Fernanda Canani

Co-patrocinadores

Galeria de Arte ADDA POMPERMAYER - Cleuse Mary Wink - Maria Cecília Giongo - Rosalva T. Rigo - Família Barros - Família Rosa - Família Amado

mr8 DESIGN

MBolson
lunardini
consultoria arquitetura design

unitur

viagens e turismo
www.unitur.com.br

macrs
museu de arte
contemporânea rs



AFASO

Fostecendo crianças,
Incentivando famílias

saccaro®

INSTITUTO NT
de cinema e cultura